

**FICÇÕES DE UM JARDIM: FOTOGRAFIA E LITERATURA**  
Exposição de Andréa Brächer

***FICTIONS OF A GARDEN: PHOTOGRAPHY AND LITERATURE IN THE WORKS  
OF ANDRÉA BRÄCHER***

Niura Aparecida Legramante Ribeiro / UFRGS

**RESUMO**

O artigo trata de um estudo de caso sobre parte das obras da artista Andréa Brächer que abordam a relação entre a fotografia e a literatura. Para configurar sua poética, a artista parte do poema *A Criança Roubada* (1889), de William Butler Yeats (1865 – 1939) e cria um universo de ficção, com base nas fabulações do século XIX, rememorando procedimentos experimentais utilizados quando do surgimento da fotografia. Ao unir um meio historicamente conhecido como fonte documental do real com o mundo da fantasia, a artista coloca à prova a crença da fotografia como testemunho do real.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; literatura; ficções; fabulações; transversalidades.

**ABSTRACT**

*The article deals with a case study on part of the work of the artist Andréa Brächer that approach the relationship between photography and literature. To configure her poetics, the artist starts from the poem *The Stolen Child* (1889), by William Butler Yeats (1865– 1939) and creates a universe of fiction, based on the fables of the 19th century, recalling experimental procedures used when photography appeared. By uniting a medium historically known as a documentary source of reality with the world of fantasy, the artist tests the belief of photography as a testimony of the real.*

**KEYWORDS:** *photography; literature; fiction, fables; transversalities.*

Fotografia e literatura: de um lado a remissão à realidade; do outro, o cultivo à fantasia. Porém, apesar deste aparente paradoxo, ambas são capazes de produzir linguagens simbólicas e trabalhar com a ficção. Esta é a estrutura a partir da qual a artista Andréa Brächer cria o seu universo de fabulações.

O poema *A Criança Roubada* (1889), de William Butler Yeats (1865 – 1939),<sup>1</sup> e o interesse da artista de longa data, presente em suas pesquisas anteriores sobre as narrativas literárias do século XIX<sup>2</sup>, especialmente do mundo das fadas, compõem o universo temático de suas atuais representações nas obras fotográficas. Uma frase desse poema, “De mãos dadas com uma fada”, reforça a ideia de encantamento pelo universo das fabulações e de sedução por um mundo irreal. Um pensamento baseado apenas na racionalidade, sem a disponibilidade de abrir a mente para o mundo da ficção, de maravilhar-se com a fantasia, pode ser restritivo e estar fadado à ruína. Mas, felizmente, o mundo da criação nas artes visuais e na literatura tem essa possibilidade de trabalhar com sonhos em referência ao mundo da infância. O autor do poema, referenciado pela mitologia irlandesa, conta a história de fadas que arrebatam uma criança para ir com elas para um mundo de encantamento na natureza selvagem:

Venha, Oh criança humana  
 Para as águas e para a selva  
 De mãos dadas com uma fada  
 Pois o mundo está mais cheio de mágoa  
 Do que você pode entender

O poema descreve elementos que seduzem o universo infantil: ilha arborizada, águas correntes, bolhas de espuma, trutas dorminhocas, garças agitadas, castores sonolentos e cerejas vermelhas. As fadas podem manter a inocência de uma criança que ainda não percebe que o mundo está cheio de problemas e, por isso, a levam para um mundo selvagem e de liberdade, em um sentido de proteção. É justamente essa a ideia cara à artista.

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante. Ficções de um jardim: fotografia e literatura: exposição de Andréa Brächer, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 302-311.

Sabe-se que os contos de fadas podem evocar os paradoxos de bondade e maldade, de alegria e tristeza e de amor e ódio. No imaginário popular se comenta que, quando uma criança desaparece, seja pelo bem ou pelo mal, foram as fadinhas que a levaram. As relações de paradoxo que podem cercar o mundo infantil entre um universo dócil e mau, como nos contos de fadas, afloraram em Brächer no decorrer de sua trajetória. As suas pesquisas contemplaram as situações de desaparecimento de crianças, tanto raptadas pelas próprias mães, quanto às imagens de *post-mortem* infantil, como nas Séries *Abdução* (2004-2018) e *Lilith* (2007-2008). Essa relação real do desaparecimento infantil com a literatura também despertou o interesse da artista no conto *A Rainha das Neves* (1844), de Hans Christian Anderson (1805-1875), no qual um menino é raptado pela rainha do gelo. Esta transforma o menino Kai em estátua de gelo azul, da qual só consegue se libertar se escrever a palavra *Eternidade* com cristais de gelo. Tal conto desencadeou um trabalho de Brächer com fotografias de cristais de gelo. Se, por um lado, seus trabalhos evocam duras realidades, por outro, recorrem ao impalpável como o mundo das fadas, aos assombreamentos, às casas abandonadas e a fantasmas de espíritos dos mortos, assuntos muito presentes nas histórias sobrenaturais do século XIX.

Para trabalhar com o universo da fabulação, motivada pelo poema de Yeats, Brächer utiliza, além do próprio poema, a fotografia, o vídeo e objetos como sistema operativo para os trabalhos que integraram a exposição “Ficções de um jardim: fotografia e literatura” (2019).

A imagem de um jardim noturno no vídeo pode evocar a frase do poema “Nós por lá caminhamos por toda noite”, como um mundo a ser descoberto; e, os pontos de luzes piscantes aludem ao o que diz Yates “Onde os raios da luz brilham”, quem sabe para explorar este outro mundo das “águas, das selvas, das danças antigas, da ilha arborizada, (Fig. 1) das garças agitadas e dos castores sonolentos”.



Fig. 1. Andréa Brächer, detalhe da obra Para as águas e para a selva, 2019, Série A vinda das fadas, Fotografia em cianótipos sobre papel, 50x80cm  
Fonte: arquivo da artista

A artista recorre às imagens de fadas pousadas em flores (Fig. 2) realizadas pela ilustradora inglesa Cicely Mary Barker (1895-1973)<sup>3</sup> e as recorta, colocando-as sobre plantas de um jardim para, então, fotografá-las. Assim como seus temas são revisitações de assuntos do século XIX, também o processo de revelação das fotografias resgata procedimentos de base químicas, como eram comuns naquele século. As visualidades resultantes nas fotografias monocromáticas jogam, por vezes, com a nitidez de fadas de aparências humanas, de contornos lineares, iluminadas e transparentes e, por outras, com esmaecimentos e opacidades compositivas.





Fig. 2. Andrea Bracher, sem título, série A Vinda das Fadas, 2019, backlight, 15 x 10 cm  
Fonte: arquivo da artista

Algumas fotografias de Brächer apresentam características que Dominique Baqué (1998) identifica como presentes em obras da contemporaneidade: os neopictorialismos, a “vontade de auratizar” - pelas “pinceladas” nas fotografias que, por vezes, marcam o contorno das imagens; a reapropriação de estilos e de técnicas antigas reciclando o passado e os modelos que se travestem em citação – como o

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante. Ficções de um jardim: fotografia e literatura: exposição de Andréa Brächer, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 302-311.

poema de Yates e as ilustrações de Barker. Ao revisitar as fabulações e utilizar-se desses referenciais, Andrea pratica o que Anthony Wall e Marie-France Chambat-Houillon (2004, p.76) definem como citação: “a necessidade de que a obra citada seja conservada na representação citante e de que, na retomada de uma obra, o idêntico seja um elemento fundamental do gesto da citação”. Linda Hutcheon (1991, pp. 52-71) considera a importância das relações entre “o passado e o presente, entre a cultura do presente e a história do passado”. Com o viés da mixagem entre fotografia e literatura pode-se, desta forma, recuperar o conceito de *obras transgenéricas* proposto por Laura Flores (2005, p. 204). As intenções das obras transgenéricas são a mescla de linguagens como faz a artista utilizando a fotografia, a literatura e, por vezes, aspectos pictóricos. Esta amplitude de conversas entre diferentes meios de processos criativos se distancia, portanto, da ideia da especificidade de linguagem que era cara ao modernismo. As fotografias contemporâneas se mostram mais receptivas às transversalidades que corroem as fronteiras de dependência de um único meio.

A fotografia como ficção foi um dos motivos que levou a artista a trabalhar com fadas, quando conheceu a história de duas meninas inglesas Frances Griffiths (1908-1986) e Elsie Wright (1901-1988), que haviam fotografado fadas em um jardim em duas séries, em 1917 e outra em 1920. Por muito tempo, as meninas sustentaram essa história e suas imagens foram tidas como verdadeiras por investigações técnicas que não detectaram vestígios de que fossem falsas. Essa falsa crença em sua veracidade perdurou no imaginário de quem as viu. Somente antes de morrer, uma das meninas declarou, por meio de uma carta e de desenhos, a operação de encenação de montagem das fadas no jardim. Brächer teve contato com esse material no National Science and Media Museum em Bradford, Inglaterra. Tal história motivou uma Série anterior de Andréa, *A Vinda das Fadas* (2006) e que se desdobra na exposição “Ficções de um jardim: fotografia e literatura” (2019).

Estabelecer transversalidades entre as artes visuais e a literatura não é um procedimento incomum na arte, como atestam trabalhos realizados, tanto no século

XIX, como na contemporaneidade. Neste sentido, pode-se lembrar que a fotógrafa Julia Margaret Cameron (1818-1879) criou encenações a partir de temas literários, como *Idylls of the King*, escritos por seu amigo e vizinho, o poeta Lord Tennyson; Kiki Smith (1954) fez trabalhos sobre fadas e criaturas fantásticas que referenciam narrativas das histórias de Lewis Carroll e da coletânea de histórias dos Irmãos Grimm.

O pensamento plástico de Andréa Brächer lida com paradoxos entre realidades e ficções. Como pensar o imaginário plástico de Brächer à luz da fotografia e da literatura? “Ao fotografar minhas fadas e fantasmas, e sua conexão com o mundo espiritual (ou sobrenatural), sempre esteve implícito um questionamento do meio fotográfico e as fronteiras entre o real e o imaginário, entre a realidade e a ficção”, (Tese de Doutorado, UFRGS, 2009), declara a artista. Um meio mecânico, que nasceu com o estereótipo ligado ao registro do real é utilizado para criar suas ficções. É muito instigante pensar no paradoxo da fotografia que pode ser vista como uma verdade do real e que, ao mesmo tempo, pode registrar a existência do mundo imaginário das fadas. Isto comprova o poder que a fotografia tem de falsear a realidade.

Além de flertar com a literatura algumas de suas fotografias também reenviam ao universo da pintura como ocorre com alguns trabalhos nos quais a artista deixa visível as marcas das pinceladas (Fig. 3) ao passar os produtos de laboratório sobre a superfície do papel. Estas marcas se constituem como questionamentos ao estigma da reprodutibilidade técnica da imagem, pois tornam únicas tais imagens.



Fig. 3. Andréa Brächer, Sem título, 2019, Série A vinda das fadas, Fotografia em marrom van dyck sobre papel, 80x60 cm  
 Fonte: arquivo da artista

Outro paradoxo em relação à fotografia proposto por algumas obras de sua poética, deve-se aos procedimentos técnicos que utiliza. Sabe-se que o discurso histórico da fotografia se pautou por valorizar o registro, por eternizar um momento da realidade. Brächer ao fazer uso dos pigmentos (Fig. 4), em alguns de seus trabalhos utiliza, ao invés do fixador, apenas o estabilizador. Isto resulta que, com o tempo, tais imagens

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante. Ficções de um jardim: fotografia e literatura: exposição de Andréa Brächer, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 302-311.



irão desaparecendo. Portanto, as imagens têm seu tempo de permanência reduzido, mostrando que a imagem fotográfica pode não ser eterna, pois conforme ao tratamento plástico que lhe é dado, está fadada ao desvanecimento. A artista esboroe o sentido de documento atribuído a fotografia e passa a questionar seus próprios limites.



Fig. 4. Andréa Brächer, Sem título, 2019, Série A vinda das fadas, photogenic drawing, 26,5x180cm  
Fonte: arquivo da artista

Ao referenciar o passado em um trabalho contemporâneo e utilizar-se de fotografia, literatura e aspectos pictóricos, a produção fotográfica de Andréa Brächer instiga a criar cumplicidades e fazer circular conhecimentos, de modo a produzir interações e ressignificações de seus interesses autobiográficos pelo universo infantil e da cultura.

## Notas

<sup>1</sup> "The Stolen Child", embora escrito em 1886, foi publicado em 1889 em *The Wanderings of Oisín and Other Poems*. Yeats se interessava pela mitologia irlandesa sobre contos de fadas e esse poema foi baseado em uma lenda irlandesa sobre fadas que levavam crianças.

<sup>2</sup> O interesse da artista pela literatura da Inglaterra vitoriana surgiu ainda criança, a partir dos livros de sua mãe, pai e avós *Jane Eyre* (1846), *The Professor* (1857), *David Copperfield* e, posteriormente, recaiu sobre filmes dos livros que foram transpostos para o cinema: *Jane Austín*, *Emma* (1815), *Mansfield Park* (1814), *Persuasion* (1818), *Pride and Prejudice* (1814), *Sense and Sensibility* (1811).

<sup>3</sup> Cicely Mary Barker foi uma ilustradora inglesa, conhecida por uma série de ilustrações representando fadas e flores. A educação artística de Barker começou na infância com cursos por correspondência e instrução na Croydon School of Art.

## REFERÊNCIAS:

BAQUÉ, Dominique. *La photographie plasticienne*. Paris: Éditions du Régard,

1998.

BRÄCHER, Andréa. *Assombr(E)amentos : poéticas do imaginário infantil através de processos fotográficos históricos*. Tese de Doutorado, PPGAV, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

CHAMBAT-HOUILLON, Marie-France; WALL, Anthony. *Droit de Citer*. Rosny-sous-Bois: Éditions Bréal, 2004.

FLORES, Laura González. *Fotografía y pintura: dos medios diferentes?* Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

### Niura Legramante Ribeiro

Professora e Pesquisadora do PPGAV do DAV do Instituto de Artes/UFRGS. Possui Doutorado pelo PPGAV/UFRGS e Mestrado pela ECA/USP. Fez estágio Doutoral em Paris com Dr. Michel Poivert. É membro de várias associações de artes: CBHA/ABCA e AICA. É vice-líder do grupo de Pesquisa do CNPq "Deslocamento da Fotografia na Arte". Possui diversas publicações e curadorias sobre Fotografia e Arte. É co-autora do dossiê "Transbordamentos entre Fotografia e Arte": <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/issue/view/3132>.  
 E-mail: niura.legramante@gmail.com